

Militantes da esperança

JB 12/05
LENA FRIAS*

Programa criado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em 1994 oferece bolsas de estudo a negros carentes da Baixada Fluminense. Atualmente, são 236 jovens, todos envolvidos com algum tipo de militância social nas comunidades de origem.

Pelas características e pelos resultados, o programa se constitui em tema interessante para reflexão neste 13 de maio, data dos 112 anos da Lei Áurea. O nome completo é Bolsa de Ação Social, atribuído por seu criador, o professor Augusto Sampaio, vice-reitor de Assuntos Comunitários da PUC-Rio. Após seis anos de funcionamento, o programa ainda é praticamente desconhecido do grande público. Jamais chegou à mídia alguma notícia de sua existência ou do que faz. Mas largas faixas de população pobre da Baixada Fluminense experimentam e se beneficiam dos seus efeitos.

É que os jovens alcançados pelo programa não renegam a própria origem: ainda estudantes ou mesmo já licenciados por uma das melhores universidades do país, que naturalmente os incorpora à elite intelectual, esses militantes da esperança prosseguem atuando ativamente nas suas comunidades como agentes de conscientização e transformação.

O empenho desses moços e moças para se manter estudando chega ao heróico, já que a maioria continua morando na Baixada e todos batalham em biscates vários. Saem de casa, São João do Meriti ou Belford Roxo, às quatro da manhã, para começar às oito na banca escolar. Augusto Sampaio relata essas coisas com emoção evidente. E, mais do que isso, com entusiasmo e admiração. Fala so-

bre as belas e comoventes cenas de formatura, quando mães e pais paupérrimos – há casos até de mendigos – acompanham os filhos na hora de receberem os diplomas da vitória sobre a miséria e a desigualdade. Vitória sobre um sistema que, *a priori*, lhes reservaria os degraus mais modestos da pirâmide, zonas onde a sedução do crime e da marginalidade é tão forte.

As primeiras turmas de bolsistas tendiam a se isolar e formar grupos diferenciados dentro de um ambiente que lhes era, afinal, estranho. Com o tempo, a integração enriquecedora desses mundos brasileiros tão diversos aconteceu. Um encontro que contribuiu para uma melhor compreensão das contradições do país e para uma busca conjunta de soluções para as injustiças. Mas também ensina a beleza das diferenças e da diversidade.

Na gênese do projeto está um dos mais ativos militantes da causa social fluminense e brasileira, o frade franciscano Davi Raimundo, de São João do Meriti, que desenvolve um trabalho nacional ligado à União de Consciência Negra. Frei Davi criou e coordena cursos vestibulares para negros e carentes na Baixada Fluminense. Através da Conferência dos Religiosos do Brasil, instância da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), entrou em contato com o reitor da PUC, padre Jesus Hortal Sanchez, solicitando bolsas para seus vestibulandos. Sensibilizado, padre Hortal encarregou Augusto Sampaio, um entusiasta das causas comunitárias, da viabilização e execução do projeto.

O ingresso dos jovens negros da Baixada na PUC não funciona, porém, como um favor, um ato de caridade, nem mesmo em sistema de reserva de cotas. Os pretendentes submetem-se a vestibular e todos os que forem aprovados passam a ter direito às bolsas.

95101
0915
956

É saudável que o 13 de maio seja um tempo de reflexão e denúncia do racismo e da discriminação em todas as suas tristes e vergonhosas manifestações. Os exemplos estão aí mesmo, desafiadores. Até mesmo as exceções – os negros bem-sucedidos que se tornam flores da mídia e alvo de aplausos tão exagerados que se desconfia da sinceridade deles – só fazem confirmar a regra da discriminação. Somos um país simpaticamente discriminador. É um quadro psicológico e comportamental que resiste a mudanças. O próprio negro foi habituado a espelhar-se no comportamento e na estética brancos nesta terra de pardos e morenos. Mas é verdade também que há ações exemplares que se contrapõem ao racismo e à discriminação. Caso do programa de bolsas da PUC para negros e carentes, nascido da militância religiosa de base – mas também política e ideológica – de frei Davi.

Deu tão certo que se multiplicou. Independente do núcleo inicial de frei Davi, existem hoje dezenas de outros vestibulares para negros e carentes na própria Baixada Fluminense, na Zona Oeste do Rio e em favelas como Rocinha e Santa Marta. E o modelo vem sendo adotado por outros estados. Já funciona, por exemplo, na periferia de São Paulo, levado pelo Movimento Nacional de Consciência Negra. Um sinal de que a sociedade civil sabe encontrar soluções originais de ação afirmativa e abolicionista contra a escravidão de natureza social que ainda mantém o país atrelado às amarras de um aristocracismo decadente, obscuro mas, infelizmente, ainda atuante.

*Repórter do JORNAL DO BRASIL, integrante do Conselho Estadual de Cultura

Opinião

opiniao@jb.com.br

VILLAS-BÔAS CORRÊA

Legalização do crime

O presidente Fernando Henrique Cardoso emplacou no interminável mutirão de terça-feira, entrando pela madrugada de quarta, o alívio da aprovação, pelo Congresso, do salário mínimo de R\$ 151 e a derrota, assimilada com indiferença, da aprovação pela Comissão Especial Mista, pelo escore acachapante de 10 votos contra 3, do substitutivo do relator à proposta de mudanças no Código Florestal Brasileiro, que literalmente legaliza o crime ambiental do desmatamento da Amazônia e de extermínio das últimas manchas da Mata Atlântica e do Cerrado.

Natural que o presidente comemore o resultado, entre pedidos reiterados de desculpas pela mesquinha do aumento de 50 centavos diários no salário do mínimo dos mínimos. Afinal, foi o resultado de uma desgastante articulação para colar os cacós da maioria estilhaçada e segurar os parlamentares-candidatos de olho grande no voto das eleições municipais de daqui a cinco meses.

Estranhável, como singular peculiaridade da sua formação acadêmica, o desinteresse, a insensibilidade, para a dramática destruição de nossas últimas reservas florestais, que alcança dimensões de causa internacional nos riscos que rondam a Amazônia, ferida de morte.

Afinal, o reajuste do salário mínimo era questão absorvida pelo conformismo das vítimas da esmola. O crime premeditado da destruição da floresta amazônica despertará, a curtíssimo prazo, a justa e indignada reação do mundo civilizado. Basta que as notícias sobre o atentado que se acerta no Congresso, como trama de quadrilha, despertem a atenção das organizações não governamentais e a onda se propague pela mídia globalizada.

A reserva tática da popularidade internacional do presidente como intelectual de Primeiro Mundo está a pique de ser exposta à corrosão de um vexame de proporções calamitosas.

Há tempo para que o governo desperte da sonolência no acalanto dos interesses imediatistas e tente barrar o desmonte do nosso conceito como nação respeitável, mobilizando sua base de apoio parlamentar para derrubar no plenário, na votação anunciada para a próxima semana, o mostrengo armado pela malandragem ruralista, com os olhos da cobiça na fortuna fácil da exportação clandestina de madeira da floresta derrubada.

As coisas se armam às nossas barbas na cumplicidade do silêncio. Um desconhecido deputado da representação do Paraná arromba o muro do anonimato e abiscoita a relatoria da proposta de mudanças no Código Florestal Brasileiro. O deputado Moacir Micheletto tem dupla urgência em escalar o tapume onde se amontoa o baixo clero e servir aos interesses do grupo que representa. Se não ganhou manchetes, está com o nome nos jornais, o rosto nas televisões com a jogada para reduzir de 80% para 50% a obrigatoriedade das reservas ambientais nas fazendas da região amazônica, com previsão para encolher para 20% dentro de três anos.

Ou o deputado não se deu ao trabalho de conferir no mapa do Brasil o tamanho do rombo que patrocina ou é mais esperto do que parece e sabe muito bem a lambança que está fazendo. Pois o que defende é simplesmente transformar em deserto 400 mil quilômetros quadrados das reservas florestais da Amazônia e, de lambuja, escancarar à fúria das motosserras as sobras do Cerrado e dos 8% da Mata Atlântica que os proprietários, por lei, devem preservar. Quatrocentos mil quilômetros quadrados equivalem a duas vezes o território do Paraná, estado que o deputado está dispensado de depenar porque outros chegaram à sua frente.

Na Amazônia a ganância dos ruralistas tem muito a derrubar, apesar do estrago das motonetas dos madeiros, que devastaram cerca de 780 mil quilômetros quadrados, duas vezes o território da Alemanha.

Inútil desfilar argumentos a ouvidos entupidos pela serragem do lucro fácil. O que não é o caso do presidente. Entre as muitas mudanças de estilo e de correções táticas que vem aprontado, encaixa-se a esperança de que desperte para a inevitável campanha internacional contra a insanidade que desliza pelas barganhas parlamentares.

Único representante do governo a expor-se na denúncia ao desatino que se monta no Congresso, o ministro do Meio Ambiente, Sarney Filho, confia na mobilização da maioria para deter no plenário a avalanche ruralista. Se o plenário embarcar na tora de madeira de lei que desce pelo Rio Amazonas, restará o prometido veto presidencial.

Falhando a última linha de resistência, o brio do ministro, de respeitável militância ambientalista, o obrigará a pedir demissão e sair para juntar-se ao coro de protesto contra o crime, que merece a qualificação de hediondo.

CLÁUDIO PAIVA



claudiopaiva@jb.com.br

Os suspeitos descalços

BENEDITA DA SILVA*

Um dos primeiros gestos dos escravos libertos que conseguiram guardar algumas economias durante a escravidão foi comprar pares de sapatos. Calçados, eles se equiparavam à condição de homens livres. Mas como apertar aqueles antigos pés escravos em sapatos estreitos? A solução era simples: sapatos, sim; mas não nos pés. E assim, os negros eram retratados pela imprensa da época, carregando nas mãos, como se fossem bolsas, os pares de sapatos que agora poderiam usar.

As primeiras comemorações após o 13 de maio foram marcadas por gestos como esses, carregados de simbolismo. Assim como buscavam os sapatos dos brancos, os ex-escravos ostentavam guarda-chuvas em punho, símbolos da dignidade social africana. E foi ao longo da história de tantos 13 de maio que os negros foram inserindo sua cultura com marcas de brasilidade na culinária, nos jogos, nas danças, nas festas religiosas e nas cantorias aos santos de devoção, como São Benedito e a Virgem do Rosário, com irmandades que representavam o poder de organização da cultura negra.

E a história foi se construindo ao longo do

tempo e o Brasil se tornou República onde todos seriam iguais, dizia o lema. E assim sendo, em 1905 começa a crescer o Morro da Favela, em plena Cidade do Rio de Janeiro, descrito como interessante aldeia de casebres e choças, um contraste e uma afronta a dois passos da Grande Avenida. Foi ali, no Morro da Providência, bem no Centro do Rio de Janeiro, que foram surgindo as primeiras casas oriundas de acampamentos de ex-combatentes da Guerra de Canudos, instaladas próximas ao Ministério de Guerra, aguardando os moradores apenas uma solução para voltarem a suas terras.

Mas o que seriam habitações temporárias foi-se transformando em moradia definitiva, subindo pelas montanhas até tocar o céu. A favela, nome do morro de onde podiam ser vistas as tropas em torno de Canudos, seria, a partir de então, a denominação para todos os morros do Rio e que permanece até hoje. Se essa "invasão" de gente nordestina e negra começava a existir como consequência de guerra, a cidade moderna que se delineava no início do século não comportaria essas habitações do "gosto popular".

A cidade foi crescendo, marginalizando aqueles que vinham da escravidão e também da pobreza das favelas. Com a chegada dos

imigrantes, essa distribuição geográfica se tornou ainda mais diversa, englobando as culturas brasileira, européia e africana. É como vemos hoje na novela *Terra nostra*; a relação que os imigrantes, negros e brasileiros estabeleciam pelas relações de afeto, na intimidade da casa dos brancos.

Comemorar a Abolição a cada 13 de maio, portanto, significa retomar esse caminho da história para tentar compreender as raízes de tanto preconceito e discriminação ainda existentes em nossa sociedade contra o povo que um dia foi escravizado. Uma sociedade onde o negro é sempre suspeito, é aquele contra quem recaem as primeiras investidas na hora da revista policial, é aquele que não está preparado para o poder, mas que serve perfeitamente para ajudar o branco a alcançar o poder. Nos dias atuais, estamos resgatando feitos e fatos na rota dos escravos para reescrever a história da raça brasileira. Falar no Dia da Abolição significa reviver esses momentos da nossa história, procurando superar e corrigir os enganos sobre a participação dos negros em nosso país, que a história oficial tentou reprimir e ocultar.

*Vice-governadora do Rio de Janeiro

Militantes da esperança

DOC 091



LENA FRIAS*

Programa criado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em 1994 oferece bolsas de estudo a negros carentes da Baixada Fluminense. Atualmente, são 236 jovens, todos envolvidos com algum tipo de militância social nas comunidades de origem.

Pelas características e pelos resultados, o programa se constitui em tema interessante para reflexão neste 13 de maio, data dos 112 anos da Lei Áurea. O nome completo é Bolsa de Ação Social, atribuído por seu criador, o professor Augusto Sampaio, vice-reitor de Assuntos Comunitários da PUC-Rio. Após seis anos de funcionamento, o programa ainda é praticamente desconhecido do grande público. Jamais chegou à mídia alguma notícia de sua existência ou do que faz. Mas largas faixas de população pobre da Baixada Fluminense experimentam e se beneficiam dos seus efeitos.

É que os jovens alcançados pelo programa não renegam a própria origem: ainda estudantes ou mesmo já licenciados por uma das melhores universidades do país, que naturalmente os incorpora à elite intelectual, esses militantes da esperança prosseguem atuando ativamente nas suas comunidades como agentes de conscientização e transformação.

O empenho desses moços e moças para se manter estudando chega ao heróico, já que a maioria continua morando na Baixada e todos batalham em biscates vários. Saem de casa, São João do Meriti ou Belford Roxo, às quatro da manhã, para começar às oito na banca escolar. Augusto Sampaio relata essas coisas com emoção evidente. E, mais do que isso, com entusiasmo e admiração. Fala so-

bre as belas e comoventes cenas de formatura, quando mães e pais paupérrimos – há casos até de mendigos – acompanham os filhos na hora de receberem os diplomas da vitória sobre a miséria e a desigualdade. Vitória sobre um sistema que, a priori, lhes reservaria os degraus mais modestos da pirâmide, zonas onde a sedução do crime e da marginalidade é tão forte.

As primeiras turmas de bolsistas tendiam a se isolar e formar grupos diferenciados dentro de um ambiente que lhes era, afinal, estranho. Com o tempo, a integração enriquecedora desses mundos brasileiros tão diversos aconteceu. Um encontro que contribuiu para uma melhor compreensão das contradições do país e para uma busca conjunta de soluções para as injustiças. Mas também ensina a beleza das diferenças e da diversidade.

Na gênese do projeto está um dos mais ativos militantes da causa social fluminense e brasileira, o frade franciscano Davi Raimundo, de São João do Meriti, que desenvolve um trabalho nacional ligado à União de Consciência Negra. Frei Davi criou e coordena cursos vestibulares para negros e carentes na Baixada Fluminense. Através da Conferência dos Religiosos do Brasil, instância da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), entrou em contato com o reitor da PUC, padre Jesus Hortal Sanchez, solicitando bolsas para seus vestibulandos. Sensibilizado, padre Hortal encarregou Augusto Sampaio, um entusiasta das causas comunitárias, da viabilização e execução do projeto.

O ingresso dos jovens negros da Baixada na PUC não funciona, porém, como um favor, um ato de caridade, nem mesmo em sistema de reserva de cotas. Os pretendentes submetem-se a vestibular e todos os que forem aprovados passam a ter direito às bolsas.

É saudável que o 13 de maio seja uma tempo de reflexão e denúncia do racismo e da discriminação em todas as suas tristes e vergonhosas manifestações. Os exemplos estão aí mesmo, desafiadores. Até mesmo as exceções – os negros bem-sucedidos que se tornam flores da mídia e alvo de aplausos tão exagerados que se desconfia da sinceridade deles – só fazem confirmar a regra da discriminação. Somos um país simpaticamente discriminador. É um quadro psicológico e comportamental que resiste a mudanças. O próprio negro foi habituado a espelhar-se no comportamento e na estética brancos nesta terra de pardos e morenos. Mas é verdade também que há ações exemplares que se contrapõem ao racismo e à discriminação. Caso do programa de bolsas da PUC para negros e carentes, nascido da militância religiosa de base – mas também política e ideológica – de frei Davi.

Deu tão certo que se multiplicou. Independente do núcleo inicial de frei Davi, existem hoje dezenas de outros vestibulares para negros e carentes na própria Baixada Fluminense, na Zona Oeste do Rio e em favelas como Rocinha e Santa Marta. E o modelo vem sendo adotado por outros estados. Já funciona, por exemplo, na periferia de São Paulo, levado pelo Movimento Nacional de Consciência Negra. Um sinal de que a sociedade civil sabe encontrar soluções originais de ação afirmativa e abolicionista contra a escravidão de natureza social que ainda mantém o país atrelado às amarras de um aristocracismo decadente, obscuro mas, infelizmente, ainda atuante.

*Repórter do JORNAL DO BRASIL, integrante do Conselho Estadual de Cultura

*Repórter político do JORNAL DO BRASIL villas@jb.com.br

Papa beatifica meninos pastores

■ João Paulo II chega a Portugal para agradecer à Virgem de Fátima 'milagre' que o teria salvo no atentado de 1981

CIDADE DO VATICANO – Em sua quarta viagem a Portugal, o papa João Paulo II chega hoje a Lisboa, de onde em seguida irá de helicóptero ao santuário de Fátima para agradecer à Virgem Maria o milagre a que atribui o fato de não ter morrido no atentado que sofreu no Vaticano em 13 de maio de 1981. No sábado, ponto alto da visita, ele beatificará dois dos pastores aos quais, segundo a tradição católica, a Virgem teria aparecido, e se reunirá com Lúcia, a única sobrevivente dos três, atualmente com 93 anos.

Elevando Jacinta e Francisco à glória dos altares, o pontífice quer tornar mais uma vez patente sua devoção à Virgem de Fátima por sua intercessão salvadora no episódio do atentado, cometido pelo turco Ali Agca. Os tiros feriram o papa e um deles passou a milímetros da aorta, o que teria sido fatal. Anos mais tarde, ao visitar Agca na prisão, este disse não entender como não o tinha morto, pois era bom atirador e fez os disparos a curta distância. "Alguma coisa incrível ocorreu", disse o agressor, pois a trajetória do projétil foi outra. João Paulo II então lhe respondeu que sua tentativa foi frustrada porque ele "não levou em conta a Virgem de Fátima".

Na Capelinha das Aparições, construída no mesmo local em que em 1917 os irmãos Francisco e Jacinta Marto, então com nove e sete anos, e a prima Lúcia dos Santos, com 12, tiveram as visões da Virgem, o pontífice se ajoelhará ante a imagem erigida em sua honra. Esculpida em madeira do Brasil, ela é encimada por uma coroa enfeitada com 2.679 pedras preciosas e conta, como um adorno especial com a bala o feriu em 1981.

Missa – Depois de fazer orações a seus pés e de abençoar os milhares de fiéis que desde ontem se dirigiam para o santuário, o papa se encaminhará para a casa episcopal adjacente, onde ficará alojado. No sábado, dia 13, consagrado a Nossa Senhora de Fátima e data de sua primeira aparição, ele oficiará missa solene na esplanada do santuário, diante da basílica de Cova da Iria, durante a qual proclamará beatos os meninos videntes.

Pouco antes disso rezará ante os túmulos de Jacinta e Francisco e manterá um encontro reservado com Lúcia, que hoje é monja reclusa num convento do Coimbra. Segundo a emissora católica Rádio Renascença, a solenidade poderá ser acompanhada na internet pelo endereço www.fatimavirtual.com.

Terceira profecia ainda é mistério

FÁTIMA, PORTUGAL – A decisão da Igreja Católica de beatificar os três meninos pastores culmina um longo processo de aceitação e legitimação eclesial. Nas aparições aos três, de maio a outubro de 1917, sempre nos dias 13, a Virgem Maria lhes teria transmitido três profecias, a terceira das quais continua em segredo. Embora alguns afirmem que se refere ao holocausto nuclear, outros asseguram que é uma mensagem de esperança para a humanidade.

A primeira das profecias referia-se à morte prematura dos irmãos Jacinta e Francisco, e a segunda ao fim da Primeira Guerra Mundial, ao início da Segunda, à conversão da Rússia ao comunismo e ao fim deste.

Foi Lúcia quem se incumbiu de redigi-los, entre

1941 e 1944. Ela revelou os dois primeiros e encaminhou o terceiro ao papa Pio XII, que, ao que se sabe, não leu o texto. Os outros quatro pontífices que o sucederam – João XXIII, Paulo VI, João Paulo I e João Paulo II, o leram.

Lúcia sempre se recusou a revelar o terceiro segredo. Além dos papas, também alguns importantes nomes da Cúria Romana tiveram acesso ao texto. Em 1967, o cardeal Achille Ottaviani divulgou alguns de seus pontos, e mais tarde o atual presidente da Congregação Pontifícia para a Doutrina da Fé, Joseph Ratzinger, também fez alusões a seu conteúdo, garantindo que "não é apocalíptico nem causa medo". Trata-se – disse – "de um anúncio de esperança para o mundo".



Fiéis diante da Basílica de Fátima: visita transmitida na internet



Lúcia, Francisco e Jacinta, em 1917. Só a primeira ainda é viva

Espionagem leva FBI a denúncia

WASHINGTON – Em testemunho à Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados, um chefe de seção do FBI (polícia federal americana), Timothy Berezney, disse que espões estrangeiros têm tido livre acesso ao Departamento de Estado, disfarçados de jornalistas estrangeiros. A declaração surpreendeu o governo e a secretária de Estado, Madeleine Albright, ordenou a investigação da denúncia. "Obviamente não queremos espões passando-se por jornalistas. Se vocês são espões, identifiquem-se", disse aos repórteres.

O presidente Bill Clinton aprovou a investigação e disse ter sido a primeira vez que ouviu tal alegação. A revelação preocupa o Departamento de Estado, especialmente por causa do grande número de falhas ocorridas nos últimos dois anos na segurança do órgão, como o desaparecimento de um computador portátil com informações sobre a proliferação de armas de destruição em massa e de tecnologia para seu uso.

Segundo Berezney, alguns agentes – que podem ser identificados pelo FBI – são credenciados como correspondentes e representam grandes forças estrangeiras. Ele explicou que, além de coletar informações, os espões engajam-se em campanhas para apoiar seus interesses nacionais e influenciar os legisladores americanos.

Não perca dia 21/05 a Revista Especial

Medicamentos Genéricos.

Porque de complicado basta a letra do médico.

JORNAL DO BRASIL

O jornal da inteligência brasileira.

www.jb.com.br



Medicamentos Genéricos®
Revista Especial

APRESENTAÇÃO
Revista Especial

INFORMAÇÃO AO PACIENTE

A Revista Especial Medicamentos Genéricos do JB vai explicar tudo sobre os novos remédios. Serão reportagens sobre a qualidade dos genéricos, as vantagens sobre os medicamentos de marcas conhecidas, o impacto no orçamento dos consumidores, opiniões de médicos, um guia com a lista dos medicamentos já lançados e as 30 perguntas mais comuns sobre os Genéricos.

INDICAÇÕES

Use em caso de dúvidas sobre os novos Medicamentos Genéricos.

CONTRA-INDICAÇÕES

Não há reação conhecida.

POSOLOGIA

Dose única. Domingo dia 21/05.

FOLHETIM DO MÍNIMO

FH rebate críticas de ACM, agradece aprovação do piso e sugere a infiéis que entreguem os cargos

Presidente pede fim da 'politiquice'

SONIA CARNEIRO E
RENATA GIRALDI

BRASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso pediu ontem que os aliados infiéis que votaram contra o salário mínimo de R\$ 151 entreguem os cargos “por uma questão de coerência”. O presidente também pediu o fim da “politiquice, menos briga, e mais ação concreta” por parte dos aliados políticos. Ele fez a declaração ao rebater, da sala de *briefing* do Palácio do Planalto, as críticas do presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), à área econômica do governo e ao mesmo tempo agradecer a aprovação do novo salário mínimo de R\$ 151 pelo Congresso.

“O governo precisa administrar. Daqui para frente não quero mais discutir questões pessoais, nem detalhes de lei aqui ou acolá. Vou retomar os grandes temas políticos”, revelou Fernando Henrique. As reformas política e tributária serão as prioridades do governo.

O presidente pediu ao infiéis que tomem a iniciativa de se afastar do governo. “Os que são contra têm o dever de, eles próprios, dizer que são contra e se afastar das responsabilidades de governo”, frisou Fernando Henrique. Para o presidente, a votação de ontem foi o “divisor de águas” da base governista.

Cotidiano – O presidente disse que não foi arrogante nem ameaçou os aliados. “Os que são a favor devem continuar ajudando e os que são contra devem se afastar.” O presidente pediu ainda aos aliados que “deixem de lado interesses pessoais e vaidades” e passem a trabalhar “construtivamente” uma agenda positiva com temas que interessam ao povo.

Fernando Henrique fez novo apelo para que os aliados permaneçam unidos. “O que nós precisamos hoje é de coesão política ao redor do programa de governo. O

Brasil está em momento positivo e nós, líderes políticos, não temos o direito de desviar o povo das questões principais”, declarou o presidente. “Eu não esqueci a reforma tributária. A reforma política é importante.”

O presidente advertiu, sem citar nomes, os presidentes do Senado, Antonio Carlos Magalhães, e do PMDB, Jader Barbalho (PA), que vêm trocando denúncias. “Temos que lutar contra a corrupção, mas de maneira apropriada. Vamos mostrar onde ela existe e levar o assunto aos canais competentes.”

Solidez – Para o presidente, o Congresso ter votando o conjunto de medidas provisórias que se acumulavam desde 1996 tratando do salário mínimo mostrou que o governo “conta com uma base de apoio sólida”. “O resultado da votação foi bom para garantir a continuidade administrativa do meu governo. E também o crescimento econômico.”

Fernando Henrique ainda agradeceu, pessoalmente, a cada um dos líderes do governo e dos partidos aliados. “Eles tiveram desempenho muito forte.” Fez agradecimento especial ao líder do governo no Congresso, Artur Virgílio (AM), que “se comprometeu e realizou a votação. Foi um bravo”. Sobre Aécio Neves, líder do PSDB na Câmara, disse que “se portou como um lutador”. Já “Inocêncio de Oliveira (PFL) deu o melhor dos seus esforços para que sua bancada cooperasse”. Da mesma forma, os líderes do PTB, Roberto Jefferson, e do PPB, Odelfino Leão. O líder do PMDB na Câmara, deputado Geddel Vieira Lima (BA), “foi firme e não se desviou do caminho.”

O presidente criticou os partidos de oposição: “As oposições propõem medidas que não tem consistência com a estabilidade econômica. Não foram capazes de identificar fontes que permitissem haver maior aumento.”



Fernando Henrique foi à sala de 'briefing' do Planalto para fazer agradecimentos e atacar os aliados dissidentes e a oposição

‘Politiquice’ continua

MARIA LÚCIA DELGADO

BRASÍLIA – O presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), não respondeu ontem ao presidente nacional do PMDB, senador Jader Barbalho (PA), que o chamou de “batedor de carteira”, mas ironizou a intenção do pemedebista de levar a briga “até a morte”. “Isso é para me forçar a ir ao enterro dele”, alfinetou. “Eu não vou para a linguagem chã, como Jader promete fazer.”

Enquanto isso, o presidente do PMDB, Jader Barbalho (PA), en-

viu ontem à noite ao presidente Fernando Henrique Cardoso uma carta com acusações ao presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA). O documento é uma forma de retaliação à carta que o senador baiano havia enviado ao presidente Fernando Henrique na semana passada. Jader não quis revelar o teor da correspondência, justificando que cabe apenas ao destinatário divulgá-la. “É uma carta pessoal”, argumentou.

Antonio Carlos disse que não sabe o conteúdo da carta que Jader Barbalho enviou ao presidente Fernando Henrique. “Soube que

ele teria dito que há coisas erradas na Eletrobrás. Se tem na Eletrobrás, ou no Ministério das Minas e Energia, o que eu duvido, devem ser apuradas”, desafiou.

O presidente do Senado só revidará acusações de Jader que se refiram diretamente a ele. A estratégia de Antonio Carlos é trazer à tona denúncias envolvendo o Ministério dos Transportes, pasta do pemedebista Eliseu Padilha. “Não estou procurando, mas tem me chegado muita coisa”, disse o presidente do Senado em relação a possíveis denúncias contra o Ministério dos Transportes e o De-

partamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER).

Os caciques pemedebistas passaram o dia de ontem irritados com o fato de o presidente Fernando Henrique Cardoso ter divulgado a carta de Antonio Carlos Magalhães, em que ele lista irregularidades na Superintendência da Amazônia, dirigida por pessoas ligadas ao presidente do PMDB, e faz referência ao líder do partido na Câmara, Geddel Vieira Lima (BA). Devido à divulgação da correspondência, os líderes pemedebistas se recusaram a comparecer ao café da manhã no Palácio do Alvorada.

Ela trocou suas fraldas,
aturou malcriação,
agüentou você durante
toda a adolescência
e ainda faz um
pudim maravilhoso.

No Dia das Mães,
retribua tudo isso
e muito mais.

Crediário Automático Itaú e LIS Itaú.
Duas linhas de crédito do Itaú para você
não se apertar no Dia das Mães. Cliente Itaú com limite

pré-aprovado usa o crédito sem precisar pedir autorização a ninguém.

No Crediário Automático Itaú é só escolher o valor, em quantas vezes deseja pagar e qual a data de vencimento das prestações, e pronto. O dinheiro é creditado na hora, na sua conta corrente. No LIS Itaú o dinheiro está na sua conta à sua espera, é só sacar. Se você ainda não é Cliente Itaú, não perca tempo. Converse com um de nossos gerentes e abra sua conta. O Itaú tem tudo. Só falta você.

www.itaubr

Itaú

FOLHETIM DO MÍNIMO FH anuncia aumento, mas funcionários mantêm greve alegando que só 10 mil serão beneficiados

Servidores terão piso de R\$ 392,60

RENATA GIRALDI E
SONIA CARNEIRO

BRASÍLIA — O presidente Fernando Henrique Cardoso ficou ontem em R\$ 392,60 o piso salarial dos cerca de 1,8 milhão de servidores federais que estão em greve desde anteontem reivindicando reajuste salarial. Apesar do anúncio oficial, a Confederação dos Trabalhadores do Serviço Público Federal (Condsef) informou que a paralisação será mantida por tempo indeterminado. O funcionalismo federal não recebe aumento há cinco anos. Em assembleia ontem à noite, a categoria decidiu fazer manifestação nacional no dia 18, com protestos nas principais cidades do país.

O presidente da Condsef, Pedro Armingol, disse que cerca de 10 mil servidores recebem atualmente o piso de R\$ 151, mas ganham Gratificação de Atividade Executiva (GAE), de 160%, chegando ao valor de R\$ 392 anunciado pelo presidente. "O que ele anunciou não é novidade. Ele quer é manipular a opinião pública para que fique contra a nossa greve alegando que deu aumento", afirmou Armingol. Segundo assessores do ministro-chefe da Casa Civil, Pedro Parente, o governo considera que o piso atual do funcionalismo é de R\$ 151.

Mínimo — Fernando Henrique disse que a aprovação, pelo Congresso, da medida provisória que fixa o salário mínimo em R\$ 151 proporcionou recursos para aumentar o piso dos servidores. "Determinei ao ministro do Planejamento, Martus Tavares, que recalculasse o piso. Ninguém no governo ganhará menos de R\$ 392,60. Esse é o efeito positivo da aprovação do salário mínimo", afirmou.

O presidente espera, agora, que o Senado aprove o projeto

que autoriza os governadores a fixarem pisos salariais acima de R\$ 151. "Isso significará, além de aumento, a efetiva separação do salário do conjunto do setor privado e do setor público das limitações que a Previdência Social impõe. Foi, portanto, uma votação favorável ao trabalhador", destacou Fernando Henrique.

Para os servidores em greve, a iniciativa do governo surtiria efeito contrário ao esperado pelo presidente. Segundo Pedro Armingol, 720 mil servidores do total de 1,8 milhão aderiram ontem à paralisação em todo país. "A tendência é que o movimento cresça ainda mais porque há uma insatisfação geral", disse.

Petrobras — No mesmo dia em que anunciou o piso para os servidores, o presidente, por intermédio de seu porta-voz, Georges Lamazière, justificou o aumento que a presidência da Petrobras concedeu aos seus executivos, que terão salários acima de R\$ 22 mil. Segundo o porta-voz, Fernando Henrique lembrou que a empresa não é mais monopolista e, portanto, tem de adaptar-se ao mercado.

Ontem, funcionários públicos federais fizeram piquetes em frente aos ministérios da Educação e do Planejamento, Orçamento e Gestão. Segundo levantamento da Coordenação Nacional das Entidades dos Servidores Públicos (Cnesf), das 52 universidades federais, só duas — do Pará e do Espírito Santo — estavam em greve até as 18h de ontem.

Na administração direta, autarquias e fundações, o balanço apontava que em 21 estados havia órgãos em estado de greve. Em Brasília, por exemplo, a Fundação Nacional de Saúde parou parcialmente. No Ibama e no In-cra a paralisação é total, segundo o comando da greve.



Piquete na entrada do Ministério do Planejamento tenta convencer funcionário a aderir à greve por reajuste salarial de 63,68%

PSDB pune dissidentes tucanos

FERNANDA MELAZO*

BRASÍLIA — A Executiva Nacional do PSDB agiu rápido. Ontem mesmo aplicou aos dez parlamentares que votaram contra o Governo e a favor de um salário mínimo de R\$ 177 uma advertência por escrito. "Se não houvesse reação, poderia dar a impressão de que o sacrifício de quem foi fiel não valeu a pena", afirmou o líder do governo no Congresso, deputado Arthur Virgílio (PSDB-AM), justificando a punição aos dissidentes tucanos.

O Palácio do Planalto e os líderes governistas no Congresso passa-

ram o dia debruçados sobre as listas de votação da sessão do Congresso Nacional que aprovou, na madrugada de ontem, a medida provisória que fixou o salário mínimo em R\$ 151. Os aliados governistas, apesar da vitória folgada — 306 votos contra 184, na Câmara, e 48 votos contra 20, no Senado —, fizeram questão de dimensionar o tamanho da dissidência na base aliada.

Como era esperado, os candidatos às eleições municipais foram os que deram mais problemas para o governo. Entre os quatro partidos da base, o PSDB se consolidou como o partido mais fiel, com votos contrários de apenas

sete deputados e três senadores. O PMDB, ao contrário, foi o que apresentou mais defeições: 24 deputados e quatro senadores. Depois vem o PFL — 16 deputados e 2 senadores votaram contra o governo. Em seguida, o PSDB (sete deputados e três senadores), PPB e PTB (sete dissidentes, ambos).

No PFL, o governo concentrará atenção principalmente nos estados do Rio de Janeiro e Maranhão. Os deputados cariocas José Carlos Coutinho, Laura Carneiro e Arolde de Oliveira votaram contra o governo. Os deputados maranhenses Gastão Vieira, Nice Lobão e Pedro Fernandes teriam sido pres-

sionados pela governadora Roseana Sarney (PFL-MA) a se opor ao mínimo de R\$ 151. "Vou ter que administrar melhor essas bancadas", disse o líder do PFL na Câmara, Inocêncio Oliveira (PE).

"Recebi pedido dos diretórios do partido no Sul para que votasse contra o mínimo de R\$ 151. Estou tranquilo porque não tenho cargo no governo", explicou Edinho Bez (PMDB-SC). "Pressão, só admito do meu eleitorado. Não devo nada para esse governo", disse Nelson Proença (PMDB-RS).

* Colaborou Helayne Boaventura

Pitta vai depor só na terça-feira

FLÁVIO FREIRE

SÃO PAULO — O prefeito Celso Pitta, que foi convidado a depor segunda-feira devido ao processo de impeachment que enfrenta, disse ontem que irá à Câmara Municipal apenas no dia seguinte. Com a prerrogativa de foro privilegiado, o prefeito pode escolher data, hora e local para ser ouvido.

Na quarta-feira vão depor as primeiras testemunhas de acusação, entre elas a ex-primeira-dama Nicéa Camargo e os filhos do prefeito, Victor e Roberta Pitta. Também na quarta-feira será a vez do advogado Riad Gattaz Cury, especialista em precatórios.

A ex-primeira-dama afirmou ontem que vai apresentar novas provas sobre as denúncias de corrupção. "Tenho provas de irregularidades e corrupção de cada um dos citados", disse ela.

Cronograma — No cronograma de trabalho fixado para as próximas duas semanas pela comissão que avalia o processo de impeachment do prefeito, o jornalista Chico Pinheiro, da

Rede Globo — também arrolado nas denúncias da seção paulista da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-SP) —, será ouvido na sexta-feira, dia 18.

Neste mesmo dia, o ex-presidente da Anhembis Turismo e Eventos Ricardo Castelo Branco dará depoimento às 11h30.

Nove testemunhas de defesa foram chamadas a depor de 22 a 24 de maio. No dia 22 prestarão depoimentos os secretários Antenor Braidó (Comunicação), Carlos Augusto Meinberg (Governo) e Jorge Pagura (Saúde), e o empresário Jorge Yunes. Dia 23, serão ouvidos Edvaldo Brito (Negócios Jurídicos) e Getúlio Hanashiro (Transportes). No último dia estarão na Câmara Municipal os secretários Fausto Camunha (Esportes) e Naor Guelfi (Administrações Regionais), além de Maria Fernandes, empregada de Celso Pitta.

Depois de colher todos os depoimentos, a comissão emite parecer que tem de ser levado até o dia 17 de julho para votação secreta em plenário. Celso Pitta só será cassado se 37 dos 55 vereadores decidirem afastá-lo do cargo.

ELEIÇÕES MUNICIPAIS/ BENEDITA DA SILVA

'Divisão é risco para esquerdas'

A vice-governadora Benedita da Silva (PT) se lança novamente à disputa pela Prefeitura do Rio, oito anos depois da derrota para César Maia, preocupada com o desempenho eleitoral das esquerdas, que deverão concorrer divididas no 1º turno. "É um risco muito grande tentar a aliança só no segundo turno", diz a candidata petista, partidária da montagem de coligação semelhante à aliança que a elegeu vice e fez de Anthony Garotinho (PDT) o governador, em 1998. Benedita garante não ter mágoa do líder petista e pré-candidato a prefeito Leonel Brizola, de quem esperava apoio que teria sido prometido há dois anos. A petista ainda sonha ter um candidato a vice de outro partido, afirma que adotará na campanha o lema da integração social da cidade, promete dar continuidade a programas como o Favela Bairro e planeja fazer parceria com instituições evangélicas, a exemplo do que faz o estado para distribuir o Cheque Cidadão.

FRANCISCO LUIZ NOEL

— A senhora guarda mágoa de Leonel Brizola por ele não apoiá-la?

— Política não é feita de ressentimento, mas de propósitos. O meu permanece o mesmo: é preciso garantir a unidade, a aliança. De forma nenhuma quero ser a responsável se não se viabilizar um entendimento. É um risco muito grande tentar a aliança só no segundo turno.

— As esquerdas devem fazer pacto de boa convivência para se unir no segundo turno?

— Não é questão de fazer pacto, mas de termos ética na política. E ela manda que a gente faça uma disputa com respeito e, principalmente, com idéias e programas. Não acredito que vá haver entre nós alguma disputa de ordem pessoal.

— Se num debate o governador Garotinho for atacado, a senho-



Márcia Moreira — 19/1/2000

DIA
A
ESCOLA
PT

ra vai defendê-lo?

— Nosso governo tem trabalhado e estamos em condição de informar à população a respeito de nossas ações. Os debates serão programáticos. Só me proponho a fazer debates dessa natureza. Nem o governador vai ter de defender Benedita nem Benedita vai ter de defender o governador.

— Qual o perfil do vice ideal?

— Defendo a política de alianças e a escolha de um vice que amplie para fora do PT. Não é uma questão de perfil: é de política. Espero que tenhamos um vice de fora.

— Quais serão as suas bandeiras na campanha?

— Queremos integrar a cidade, fazendo com que ela cresça economicamente e que as pessoas tenham acesso aos bens, ao lazer, ao emprego, ao bom atendimento na saúde e na educação, a uma política integrada de transportes. Queremos criar, também, instrumentos de participação, do setor popu-

lar ao setor empresarial. E ter uma Ouvidoria Municipal, porque é bom para quem governa ter o acompanhamento das políticas públicas feito por um interlocutor com a isenção do ouvidor.

— Que programas do prefeito Conde a senhora manteria?

— O Favela Bairro, até porque o meu programa na eleição de 1992 defendia transformar a favela em bairro. Mas com a reconstrução de casas, as vias de acesso, a facilidade para os serviços públicos e um programa de assistência integral à família. Não basta só o saneamento básico e a praça. As famílias têm de estar integradas aos serviços prestados no asfalto. O Favela Bairro ainda é um projeto insuficiente na concepção máxima do que é um bairro.

— Que projetos de Conde a senhora engavetaria?

— Eu nunca faria uma política centralizada, voltada para uma só zo-

na da cidade, como se o que é bom para ela também fosse para as outras. A política cultural é um exemplo. Na Zona Oeste não tem nada. Quantos talentos encontramos lá. As ONGs, com atividades e oficinas culturais, dão um banho no poder público municipal.

— Se for prefeita, que participação os evangélicos terão no governo?

— Não vejo por que não ter com as instituições religiosas uma relação igual à mantida com qualquer ONG. Pode ser o centro espírita, a umbanda, a Igreja Católica. Minha relação vai ser uma relação política, como a que terei com os empresários.

— A Prefeitura faria parcerias com evangélicos, como faz o estado para distribuir o Cheque Cidadão?

— Sem dúvida. No tratamento de dependentes químicos, por exemplo, que não tem hoje uma política audaz.

CURSO DE PERÍCIA JUDICIAL

(Restam poucas vagas)

Terá início no próximo dia 29/05 (2ª feira) a formação de mais uma turma do Curso de Perícia Judicial, com término no dia 02/06 de 18:30 às 20:30h. Destinado a aqueles de nível superior em todas as áreas ou fase de conclusão.

www.thanatos.com.br/cursos-pericia-judicial
(11) 253-5840 / 263-1680
Av. Pres. Vargas, 462 / 723
Sáb./Dom. 9977-1279

LETRAS DE CAPITALIZAÇÃO.

Wall Street Journal Americas.

Toda segunda, no seu Jornal do Brasil.

THE WALL STREET JOURNAL AMERICAS

JORNAL DO BRASIL

www.jb.com.br

Anuncie que a gente vende acelerado.



Caderno Carro e Moto.
Todo sábado.
Ligue 516-5000 e anuncie.

FOTITVA

www.jb.com.br

JORNAL DO BRASIL